

INTRODUÇÃO

AS SETE VIDAS DE AGOSTINHO DA SILVA

No âmbito do Projecto de Inventário e Edição do Espólio de Agostinho da Silva, Projecto que está a ser realizado na Associação Agostinho da Silva com o apoio do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, em cuja equipa de trabalho estamos integrados, sob coordenação do Professor Doutor Paulo Borges, deparámos com uma extensa série de recortes de jornais, alguns do arquivo pessoal do próprio Agostinho da Silva, outros que tinham sido depositados na Associação pelas mais diversas pessoas.

O que pessoalmente fomos fazendo ao longo de vários meses foi ir separando o que, nessa extensa série de recortes de jornais, era de Agostinho da Silva e o que era sobre Agostinho da Silva, e ordenar todo esse material cronologicamente. O que era de Agostinho foi integrado directamente nesse trabalho de Inventário e Edição do Espólio de Agostinho da Silva. O que era sobre Agostinho da Silva ficou reunido à parte. Perante todo esse imenso material, que fomos entretanto completando pela visita regular a diversos arquivos, públicos e privados, começou a emergir em nós o projecto de realizar um estudo que reconstituísse a recepção de Agostinho da Silva na imprensa portuguesa.

A obra que agora lançamos é o resultado da realização desse projecto. Ao longo dela, procuramos reconstituir a forma como, ao longo dos tempos, Agostinho da Silva foi sendo perspectivado na imprensa portuguesa – desde os seus vinte anos até ao ano da sua morte (1994). Depois, acabámos por estender este estudo aos “anos após a sua morte”, até 2006, “ano do seu Centenário”, dado que a projecção que tiveram as Comemorações dessa efeméride fizeram



com que Agostinho voltasse a aparecer muito regularmente na imprensa portuguesa, como sempre, sob perspectivas muito diversas entre si.

Dividimos este estudo em sete capítulos, assim cobrindo, dir-se-ia, dada a sua conhecida afeição por gatos, as suas “sete vidas”. No primeiro deles, “Até meados dos anos 40”, reconstituímos a presença de Agostinho na imprensa até à sua partida para o Brasil. Aí verificámos que Agostinho começa muito novo a publicar e a ser objecto de notícias, por, desde muito cedo, se ter destacado – a primeira entrevista é dada aos 21 anos, já na condição de Presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras e Director do *Porto Académico*, órgão oficial da mesma Associação. Seguimos também as várias polémicas em que se envolveu, algumas delas tendo tido uma enorme repercussão pública – em particular, a polémica que decorreu da publicação de dois opúsculos: *O Cristianismo* (1942) e *Doutrina Cristã* (1943).

No segundo capítulo, “Até finais dos anos 60”, verificámos o progressivo eclipse de Agostinho na imprensa portuguesa, dada a sua longa estada no Brasil. Eclipse que só se alterou com a publicação das suas obras *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* (1957) e *Um Fernando Pessoa* (1959), ponto de viragem do reencontro de Portugal com Agostinho. Aliás, como aí escrevemos: «...pode dizer-se que esse reencontro foi mútuo, pois que nunca até então Agostinho reflectira tanto sobre Portugal, sobre a cultura portuguesa, sobre o seu sentido histórico. Foi, com efeito, só no Brasil, face ao espelho atlântico, que Agostinho começou realmente a questionar-se enquanto português. E essa obra, *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*, é a primeira grande expressão desse questionamento.».

No terceiro capítulo, “Até meados dos anos 80”, reconstituímos o progressivo regresso de Agostinho da Silva na imprensa portuguesa, após vinte cinco anos de ausência do país – quer através de textos do próprio Agostinho, quer através de notícias sobre si, em particular, sobre conferências suas, bem como sobre as suas famosas cartas-circulares, quer ainda através do cada vez maior número de entrevistas que foi concedendo. Em meados dos anos 80, Agostinho da Silva era já, de novo, uma figura com relevante notoriedade pública, mesmo para aqueles, os das gerações mais novas, que só agora, depois do seu regresso do Brasil, o vieram a conhecer, ainda que as palavras de António Valdemar – redigidas num texto publicado a 19 de Abril de 1984, no *Diário de Notícias*: “Permanece Agostinho da Silva um dos raros mestres da cultura portuguesa, sem o reconhecimento dos seus méritos” –, não fossem já por inteiro anacrónicas.



No quarto capítulo, “Até às “Conversas Vadias”, constatámos a falsidade de um dos lugares-comuns que, em geral, por ignorância ou má-fé, ou por ambas em simultâneo, se dizem sobre Agostinho da Silva: o de que ele não “existia” antes de começar a aparecer na televisão, em particular, antes das “Conversas Vadias”, sendo, por isso, uma “criação televisiva”. Ao contrário, verificámos que, nos finais dos anos 80, Agostinho era já, cada vez mais, uma referência da “opinião publicada”. Não obstante, como aí escrevemos: «Uma coisa é, contudo, a “opinião publicada”, outra a “opinião pública”. Daí que se neste ano [1989] Agostinho da Silva é já uma referência na “opinião publicada”, só depois, com a presença na televisão, através, sobretudo, das “Conversas Vadias”, que se estrearão em Março de 1990, será uma referência na opinião pública.».

No quinto capítulo, “Os últimos anos de Vida”, verificámos que ainda no auge da sua exposição mediática, ou seja, ainda durante a exibição semanal dos treze episódios, entretanto gravados, das “Conversas Vadias”, exibição que decorreu, semanalmente, no Canal 1 de RTP, entre 8 Março e 31 Maio de 1990, Agostinho da Silva toma a decisão de, nas suas palavras, “sair de moda”. Decisão que cumpre: logo no segundo semestre do ano de 1990, Agostinho começou, discretamente, a sair de cena. Essa tendência, como tivemos ainda a oportunidade de constatar, reforça-se ao longo dos anos seguintes: ou seja, Agostinho da Silva passa a deixar, cada vez mais, de aparecer nos jornais, comunicando apenas com os seus mais próximos, em particular, através das suas famosas cartas-circulares que fazia depois chegar, por correio, aos seus muitos amigos espalhados por todo o mundo – ainda que depois esses textos fossem sendo também depois publicados em muitos jornais por todo o país e alguns mesmo fora dele.

No sexto capítulo, “Os anos após a sua Morte”, recordámos, desde logo, a enorme repercussão pública que teve a notícia do seu falecimento e funeral e a forma como, nos anos seguintes, Agostinho da Silva foi sendo evocado, ainda e sempre sob as mais díspares perspectivas. Num ponto, pelo menos, houve algum consenso: o do papel de Agostinho na criação da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa). A esse respeito, muitos foram aqueles que reconheceram, ao longo dos anos, o papel decisivo de Agostinho na criação dessa Comunidade, nomeadamente, como referimos, o seu filho mais velho, Pedro Agostinho, que, num *dossier* especial sobre a CPLP publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, em 9 de Novembro de 1994, escreveu o seguinte: “Agostinho da Silva pode e deve ser considerado como um pioneiro da ideia



de uma Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Mais, as suas ideias influenciaram a política externa do Brasil, em especial com relação à África, quando era presidente Jânio Quadros e seu jovem secretário José Aparecido de Oliveira.”.

No sétimo e último capítulo, “2006: o ano do seu Centenário”, reconstituímos, desde logo, o primeiro dia das Comemorações do Centenário de Agostinho da Silva: «No dia 13 de Fevereiro de 2006, dia em que se assinalavam exactamente ao 100 anos do nascimento de Agostinho da Silva, realizou-se a Abertura Oficial das Comemorações do seu Centenário, numa cerimónia que decorreu, ao final da tarde, no Centro Cultural de Belém, em que intervieram, entre outros, Isabel Pires de Lima, Ministra da Cultura, Paulo Borges, Presidente da Associação Agostinho da Silva e da Comissão das Comemorações do seu Centenário, e Pedro Agostinho, filho mais velho de Agostinho da Silva. No mesmo dia, à noite, no Fórum Lisboa, em Lisboa, e em 99 outras cidades lusófonas foi exibido o filme “Agostinho da Silva: um pensamento vivo”, de João Rodrigo Mattos – sendo exibido ainda, nesse mesmo dia, na RTP Internacional. Nas instalações do Fórum Lisboa e em muitos outros locais onde foi exibido o filme, foi igualmente inaugurada a Exposição “Agostinho da Silva. Pensamento e Acção”, composta por 24 painéis, que reconstituem, de forma necessariamente sucinta, os grandes eixos da acção e do pensamento de Agostinho da Silva.».

A respeito da extensíssima série de eventos que se seguiram – e que reconstituímos, de forma sucinta, através da cobertura que deles foi sendo feita na imprensa –, fruto, desde logo, do empenho da Associação Agostinho da Silva e, sobretudo, da adesão espontânea de uma igualmente extensíssima série de pessoas e entidades, cada um terá a sua perspectiva. Nós limitamo-nos a apresentar a nossa: na nossa perspectiva, a adesão de tanta gente a estas Comemorações, não só em Portugal como por esse mundo fora, em particular no espaço lusófono, é uma reacção ao cada vez maior vazio cultural existente nos mais diversos planos, desde logo, no plano político. Cada vez mais, com efeito, a política parece reduzir-se a uma mera gestão económica, sem qualquer Horizonte. Não que essa gestão económica não seja importante. Simplesmente, não é isso o que faz de um conjunto de pessoas uma real comunidade. Para que isso aconteça, o elo não pode ser apenas económico – tem que ser, sobretudo, cultural. Só esse elo, esse Horizonte, pode dar um sentido maior à vida de todos nós – individual e colectivamente considerada. Ora, mais do que ninguém, foi esse Horizonte que Agostinho da Silva nos apontou.

